

# Mídia, memória e discursividade das fronteiras brasileiras



*Ada Cristina Machado da Silveira*

*Doutora em Jornalismo  
(Universidade Autônoma de Barcelona)  
Coordenadora do Mestrado em Comunicação da  
Universidade Federal de Santa Maria  
E-mail: adamach@ccsh.ufsm.br*

**Resumo:** O artigo sintetiza resultados de um estudo aprofundado sobre as propriedades discursivas das terras de fronteira do Brasil Meridional. A malha de comunicação aí construída tem por objetivo fixar a identidade cultural e suas características se concentram em: articular a relação local-internacional e manifestar seu caráter polifônico. O concerto de suas vozes expressa a autonomia, independência e pluralidade de mundos insurgentes nos espaços fronteiriços que se debatem frente a autoridade de vários estados-nação.

**Palavras-chave:** mídia, discurso, identidade, terras de fronteira, comunicação.

*Medios, memoria y discursividad de las fronteras brasileñas*

**Resumen:** El artículo hace una síntesis de los resultados de un estudio profundizado a cerca de las propiedades discursivas de las tierras de frontera del Brasil Meridional. La malla de comunicación ahí ubicada tiene por objeto fijar la identidad cultural y sus características se concentran en: articular la relación local-internacional y poner en manifiesto su carácter polifónico. El concierto de sus voces expresa la autonomía, independencia y pluralidad de los mundos insurgentes en los espacios fronterizos que se enfrentan a la autoridad de distintos estados-nación.

**Palabras clave:** media, discurso, identidad, tierras de frontera, comunicación.

*Media, memory and discursivity of the brazilian borders*

**Abstract:** The article synthesizes results of a deepened study on the discursive characteristics from Meridional Brazil's borderlands. The communicational mesh there built has as goal to fixate the cultural identity and its characteristics concentrate in: articulate the local-global relationship and manifestate its poliphonic character. The concert of their voices expresses the autonomy, independence and plurality of insurgent worlds in border spaces which debate faced the authority of several nation-states.

**Key words:** media, discourse, identity, borderlands, communication.

*Lo que me hace ser yo, y no otro,  
es ese estar en la frontera entre dos países.  
Amin Maalouf, Identidades asesinas, 1999.*

## Introdução

Ao colocar em debate a vigência do projeto da modernidade no Brasil nação, indagamos como foi possível nele construir a idéia de fronteira, especialmente na discursividade midiática. Após a independência de Portugal, a construção da nacionalidade e as relações com sua correspondente oposição, situada além de suas fronteiras, desempenhou uma função mítica capaz de atualizar conteúdos, re-organizando continuamente o mundo simbólico para os brasileiros.

Se eventos como comemorações, efemérides, datas alusivas a episódios considerados notáveis permitem re-fundar, atualizar identidades, enquanto símbolos do poder do Estado eles concedem resplendor à sua existência. Sua celebração por via da repercussão midiática alcança projetar o alinhamento das forças civis, militares e eclesásticas em relação aos agentes estatais. Apesar disso, ou em paralelo a tal, os habitantes dos territórios de fronteira, ao mesmo tempo em que são membros de instituições políticas, constroem

redes de relações informais que competem com o Estado. Embora muitas das atividades que engajam as redes informais e grupos da sociedade civil de vínculo débil possam parecer que, à primeira vista, não detêm função política ou não tenham as políticas de Estado em consideração, sem dúvida, muitas delas as têm, ou quando agem ilegalmente e burlam normas ou quando se aproveitam dos vazios de poder que o Estado usualmente experimenta nos territórios de fronteira. Os símbolos do poder, sejam estatais ou de outras instituições, atingem assim uma grande variedade, atacando a própria concepção de Estado por meio da relativização de sentido de representações tomadas tacitamente em outros contextos, como a de “pátria” ou de “identidade nacional”. As divergências quanto a tais concepções também são objetos da dimensão polifônica, pois ela pode se referir tanto ao espaço territorial concreto, quanto à impressionante abstração que um moderno Estado-nação de dimensões continentais como o Brasil representa.

A atividade midiática nas sociedades de fronteira rompe com a perspectiva segura e contemplativa que as metrópoles litorâneas pretendem estender ao amplo interior continental brasileiro, detendo um potencial capaz de demonstrar quão equivocado se está ao se atribuir a condição de mero aglomerado de idéias, heterogêneas, multifacetadas e incompatíveis entre si, ao aparentemente mundo caótico das fronteiras e à estrutura de seus discursos. Essa posição nega o caráter profundamente conectivo que uma fronteira pode ter em relação a outros Estados nacionais, bem como a importância que concede ao desenvolvimento da vida social estabelecida nessas condições<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A Geografia vem propondo alternativas interessantes ao tema das fronteiras neste período de globalização. Lia Osório Machado (2003) analisa: “Estudar as fronteiras internacionais do ângulo das cidades gêmeas no sul do Brasil é um enfoque alternativo e complementar àquele que enfatiza as relações conflituosas, primeiras entre metrópoles coloniais (Portugal e Espanha) e posteriormente entre Estados Nacionais (Brasil, Uruguai e Argentina)”. A autora propõe que “[...] para inúmeros atores, e de forma cada vez mais evidente, os lugares e regiões fronteiriços são valorizados não por sua posição marginal, mas por seu caráter conectivo e interativo. Partindo desta hipótese, o que nos interessa aqui é analisar, através de um exemplo empírico, a densidade e a diversidade das interações que têm lugar na fronteira”.

A malha de comunicação local-internacional das Terras de Fronteira (TF) pode ser entendida como uma membrana que separa, recebe e transmite vibrações. Ela pretende expressar a autocompreensão de uma sociedade mediada por sua relação com o Estado-nação e polarizada por uma lealdade cruzada claramente em dois níveis: o político, responsável por sua vinculação ao Brasil (Coroa Portuguesa, Império e República do Brasil), e o cultural, compreendido pelo pertencimento histórico à conformação do espaço platino (a bacia platino-uruguaia, composta por países do Cone Sul)<sup>2</sup>. Nessa condição, uma sociedade submetida a distintas organizações políticas de vários Estados-nação conhece disjunções particulares, as quais promoveriam o surgimento de uma malha de comunicação relativamente estável e cuja tarefa precípua seria a de assegurar o exercício do poder sobre o território nacional. Nossa análise está detida sobre a perspectiva brasileira, ignorando inicialmente o papel imperialista que muitas vezes é creditado por nossos vizinhos à atividade de nossos agentes comunicacionais.

### Discurso, identidade e polifonia

A partir do contexto descrito anteriormente, a mídia herdou o papel de agente constitutivo da identidade cultural. Em nosso *corpus* há um reperto que observa a atualização das funções desse agente em outras tarefas, embora muito orientadas por fins identitários. Temos assim a identidade como propriedade discursiva comum a qualquer voz e não simplesmente como tema predicativo de uma programação, produto, promoção, pauta etc. A identidade aparece nas distintas vozes em diferentes formulações

<sup>2</sup> Conforme explicamos em trabalhos anteriores, a confluência de várias ordens permite reconhecer tais *terras de fronteira* (TF) como formadas pela atual *faixa de fronteira*, além dos territórios geograficamente pertencentes à micro-região da Campanha, ademais das micro-regiões das Missões e Depressão Central. Acrescentou-se, estritamente por razões de ordem histórico-simbólica, o município de Passo Fundo.

segundo a historicidade de suas respectivas formações discursivas<sup>3</sup>.

A investigação requisitou a apreciação de determinadas práticas midiáticas com vistas à desconstrução de seu princípio, selecionando aquilo que acreditamos sejam os aspectos formais próprios de sua existência fronteiriça. Delimitamos, assim, seu tempo e espaço como aquele circunscrito a um sujeito discursivo avalizador de um *lugar de fala*, o qual permite considerar que os pressupostos requeridos para interpretação dos textos das indústrias culturais não se esgotam num contexto imediato (seja corporativo, cultural, político etc.).

Perfila-se, portanto, a precedência da categoria de *polifonia*. José Luiz Fiorin (2002:62) destaca que o conceito de polifonia normalmente se relaciona à questão da heterogeneidade mostrada do discurso e suas marcas aparentes: “A questão da polifonia concerne ao fato de que diversas vozes se apresentam no interior de um discurso”.

Dominique Maingueneau (1997) ressalta que O. Ducrot considera que há polifonia quando é possível distinguir os enunciadores dos locutores. Estes seriam responsáveis por uma enunciação, enquanto aos enunciadores se poderia atribuir autoria a uma voz, a um ponto de vista.

Fiorin (2002:62), ao tratar dos centros discursivos presentes num texto, atenta para a “existência pressuposta e hierarquizada de diferentes níveis de enunciação”, o que nos indica o aspecto da delegação de vozes. Re-

<sup>3</sup> A metodologia concentrou-se na aplicação da MIA ao conjunto selecionado de peças. Os diversos procedimentos de análise buscaram alcançar o ponto de reconhecer como se procede, aos níveis superficial e profundo, para produzir a atualização discursiva de diferentes representações. O enfoque metodológico centra-se no redimensionamento daquilo que denominamos Matriz Intertextual de Análise (MIA) publicada em Silveira (2003). Dotada de recursos baseados na análise de discurso, a MIA toma noções de Todorov (1982) e Greimas e Courtés (1979), dentre outros. Trata-se de uma proposta interdisciplinar que permite o estudo comparado de representações oriundas de diversos suportes e tecnologias de comunicação, usualmente trabalhadas por especialidades distintas (jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas, editoração, design etc.).



*A malha de comunicação tem condições de expressar a polifonia desse mundo de fronteiras? Que forças se antepõem a uma vivência democrática?*

lacionado a isto, ele aponta para a questão da responsabilidade pelos enunciados, um processo de reconhecimento da autoria na enunciação que, frente ao *corpus* estudado, permitiu-nos apontar a existência de quatro vozes: a fronteiriça, a da etnicidade, a de mercado e a missioneira. A existência de uma voz pressupõe a existência de outras que lhe supõem oposição, desenvolvendo atitudes positivas e mutuamente contestatórias dentro da mesma sociedade.

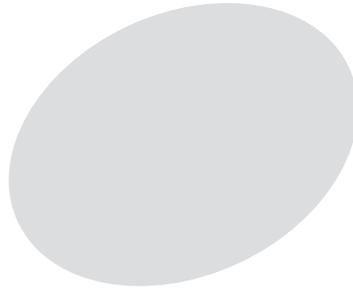
No contexto de afirmação dos Estados nacionais do Cone Sul, as vozes que se alçaram como grandes representantes da sociedade de fronteira forjaram práticas e sua análise pressupõe categorias que instituem uma realidade servindo-se do poder de revelação e de construção exercido por meio da objetivação do discurso.

Estaria a malha de comunicação em condições de expressar a polifonia presente neste mundo de fronteiras? Seus discursos estão em condições de aproveitá-lo? Quais são as forças que se antepõem a uma vivência democrática?

Tomamos, portanto, o conjunto de discursos expressáveis pela malha de comunicação presente nas TF como capaz de expressar uma variedade de vozes que necessita ser identificada.

Atentando ao propósito semiológico apontado por Milton Pinto (1999:27), de explicar o porquê de “dentro de todos os textos passíveis de citação [...] só alguns dentre eles, bem determinados, são citados, recorrentemente, no texto produzido”, procedemos à identificação das vozes reconhecíveis enquanto formações discursivas.

*O discurso midiático  
conecta, relaciona,  
liga discursos-outros  
que necessitam,  
por sua vez,  
de outros discursos  
para existir*



O conceito de formação discursiva permite abarcar o espaço-tempo e o sujeito discursivo demarcados. Dessa forma, “uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente ‘invadida’ por elementos provenientes de outros lugares (de outras formações discursivas) que nela se repetem, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (Pêcheux *in* Charaudeau e Maingueneau, 2004:241).

O discurso midiático, por sua vez, faz-se um *modus operandi* que segue conectando, relacionando, ligando discursos-outros advindos de diferentes formações discursivas que necessitam, por sua vez, de outros discursos para existir.

A propriedade do sujeito em Bakhtin (1982) provém de que este autor não encontra a palavra como sendo neutra na língua, isenta de usos prévios ou, ainda, despovoada das vozes de outros. O outro a que Bakhtin se refere é uma condição do discurso, uma fronteira que marca no discurso a relação constitutiva com o outro.

### ● **As vozes das terras de fronteira brasileiras**

A importância de estudar as vozes provém da condição de que elas conservam a pluralidade de centros não reduzidos a um denominador ideológico comum e se concentram no labor de ser depositárias de diversas utopias. A voz étnica propende a manter atualizadas as promessas do “país da cocanha”, a fábula medieval que prometia abundância à custa de pouco trabalho aos servos da gleba

européia. A voz missioneira pode ser anunciada pela “terra sem males” do projeto jesuítico. A voz de mercado acude à promessa de um mundo onde o nível local tem plena vigência no cenário globalizado, fazendo-se enunciadora de relações de consumo. E a voz fronteiriça tem sua discursividade condizente com a ordem heterônoma determinada pelas políticas de consolidação das fronteiras dos Estados-nação do Cone Sul, mas cuja competência discursiva não se esgota neste aspecto, nem abre mão de sua variedade em termos de estratégias de comunicação.

O agenciamento de idéias, de conceitos e de imagens historicamente apropriados pelo fazer midiático indica uma orientação principal no trato da constituição identitária no sul do Brasil, definida por um padrão de discurso e protagonizado pela certa voz fronteiriça. A noção de identidade desenvolvida pela voz fronteiriça assenta sua base principal no imaginário da formação dos Estados-nação do Cone Sul. Passando à sua descrição, temos que o discurso que a expressa toma a identidade como uma construção consagrada, fechada, estabelecida, com significados firmados doutrinariamente. O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), junto aos seus militantes, foi um dos agentes que se encarregou, no decorrer do século 20, de destacar as autoridades abalizadas para falar de uma identidade que, dessa forma, atua como um discurso fundador, dada sua condição de antecessora das demais vozes.

Assim, vários temas virtualmente convertidos em pautas recorrentes nos municípios da malha de comunicação das TF são perceptíveis em nossa análise. Perfilam-se reportagens como a do peão bageense que afirmou sobre um balão que se dirigia à Austrália: “Ele queria dar a volta ao mundo e veio cair no fim do mundo”; a recorrente auto-representação de São Sepé a partir de seu apócrifo santo indígena; a aparição de Sant’Anna do Livramento-Rivera e sua *Fronteira da Paz*; a tríplice fronteira Brasil-Uruguaia-Argentina na internacional Uruguaiana; a celebração do passado nas Festas

do Divino em Caçapava do Sul; o militarismo e a (rara) imagem da indústria em um jornal do Alegrete são alguns dos tantos temas que o jornalismo aborda.

A constatação da ausência de relações com os vizinhos países platinos na mídia produzida na fronteira também é verificada em vários estudos sobre a mídia local (imprensa, televisiva, radiofônica, *on-line*) em comunidades fronteiriças. Em que pese sua proximidade territorial de países vizinhos, a realidade destes não é trabalhada e o nível internacional revela a mútua exclusão representacional vigente na malha de comunicação das TF, fazendo ecoar nesse outro contexto os versos cantados por Rappa: “Paz sem voz não é paz, é medo”.

Após havermo-nos detido naquela que se considera a voz mais vinculada ao estereótipo prevalente do gaúcho no Brasil, passamos à análise da discursividade vinculada à voz da etnicidade. Sua presença se justifica por vários fatores: contrariando a noção de polifonia, apresenta-se o monologismo, o qual tenderia a abarcar a inexorabilidade da ordem heteronômica no que toca as suas competências discursivas particulares.

Em que pese o multiculturalismo vigente, a afirmação étnica conhece especialmente a afirmação das origens alemã, italiana e polonesa. A mídia orienta o que podemos observar como o discurso da voz étnica. Ela faz ressoar sentidos estabilizados por uma ordem significativa que foi preestabelecida pela voz fronteiriça. Os sentidos mobilizados pela voz étnica são os mais desconhecidos de todos os estudados em nosso *corpus*; o que se pode adiantar é que ela tende a responder indiretamente ao discurso da voz fronteiriça, apontando para outros valores étnicos. Suas propriedades discursivas encontram-se em materiais simbólicos tão distintos como podem ser a promoção de um forte sotaque que soa a italiano ou alemão nas peças publicitárias e em programas radiofônicos; ou mesmo a se expressar em outros idiomas/dialetos, além de ostentar distintos repertórios lingüísticos. O movimento de seu discurso

avança num multiculturalismo que ainda não se estabilizou<sup>4</sup>. O sujeito que articula discursivamente o sentido dessa voz é tímido em suas pretensões; pode se valer da ideologia do trabalho, do protestantismo, do catolicismo romanizado ou, principalmente, do que o historiador Mario Maestri denomina de “martirologio” da imigração: narrativas de esforço físico, trabalho e determinação de imigrantes pobres numa natureza exuberante e inóspita, mas que, paradoxalmente, foram os trabalhadores rurais mais bem aquinhoados da história brasileira, pois tiveram acesso à posse da terra num país cuja colonização se deu pela via do latifúndio.

A aparição da voz étnica na discursividade das mídias dá lugar a um jogo de perspectivas. Uma de suas propriedades mais fortes se apresenta na situação em que a articulação de sentido que propõe está marcada por impropriedades sintáticas estipuladas pelo uso corrente da língua portuguesa, deslocando as características de ícones consagrados das identidades culturais que lhe servem de raiz. Sua exótica aparição atesta que ela busca se recuperar do apagamento simbólico que a certa ideologia da “identidade brasileira” impôs a grupos sociais de imigração recente. Ainda que sua materialidade seja pouco expressiva ou depreciada no cenário cultural e, especificamente, midiático, sua condição é claramente emergente. Seu principal efeito consiste em desnaturalizar a rede de sentidos institucionalizada pela voz fronteiriça dominante. Uma forte tendência discursiva presente na voz da etnicidade, a prosseguir no caminho proposto até o momento, é a de romper com a imaginária unidade de representação da identidade do gauchismo, perfilando-se como mais uma orientação do dizer identitário. Ela acusa, assim, a incompletude

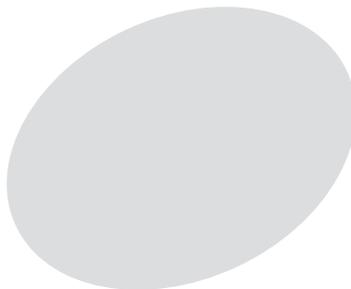
<sup>4</sup> Em suas representações há predominância da língua portuguesa, as variações denominadas genericamente de portunhol e a presença de vários dialetos europeus, como o vêneto sul-riograndense e remanescentes do baixo alemão. Mas é importante notar a ausência de expressão em guarani, tanto quanto em árabe, cujas comunidades são expressivas na fronteira sul-brasileira.

da identidade cultural sulina e recupera sentidos do multiculturalismo excluídos pela fixação do estereótipo do gaúcho.

A voz étnica evade da adscrição identitária da modernidade, simplista e solidária a apenas um Estado-nação. Ela celebra justamente a possibilidade de uma dupla nacionalidade, um duplo sentido de pertencimento, enfrentando os desencontros e a perda da ilusão de plenitude prometida pela colonização do Novo Mundo.

Já a voz de mercado responde diretamente à determinação capitalista que orienta e limita certa produção discursiva das mídias. O sujeito que a articula discursivamente é mediador da necessidade de mercado e busca a persuasão com vistas a um efeito de consumo. Em sua produção discursiva, recorre-se a elementos consagrados e banalizados de objetivações da identidade cultural, manifestos especialmente pelo discurso fundador da voz fronteiriça. A voz de mercado atua, via de regra, procedendo à mera colagem de materiais reconhecidos como significantes próprios de uma “identidade gaúcha” já cristalizada, fruto de representações simplificadas e adaptadas às proposições mais diversas.

*A voz missioneira  
interpela diretamente  
os sentidos  
pretendidos pela  
voz fronteiriça,  
deslegitimando  
seus propósitos*



Os *folders* turísticos apelam para o que se considera ser as melhores características culturais do pampa gaúcho e seu passado histórico. Já as peças para o comércio de varejo adaptam-se a um repertório de representações desgastadas, mas de fácil absorção para consumo imediato anuncia-

do pelo mercado publicitário. Sua análise permite deduzir que a construção identitária nas TF, depois de conhecer o amplo apoio das indústrias culturais, encontra-se numa luta de forças entre o pertencimento a esta ou àquela corrente cultural e se ajusta à convivência do momento, sobressaindo-se a estratégia de re-territorialização de empresas multinacionais ao nível do espaço local por meio do apelo a suas tradições. Registre-se, também, que as minorias étnicas raras vezes encontram manifestação além do nível publicitário, o que é válido tanto para descendentes de europeus como de afro-brasileiros.

Por fim, a voz missioneira. O material analisado estabelece que sua consciência é outra, alheia à ordem vigente, que se lhe defronta como um outro sujeito. A voz missioneira tende a se dissociar do caráter fronteiriço que impregnou o estereótipo do gaúcho e é detentora de uma discursividade que brilha por sua ausência quanto confrontada à condição fundadora daquela. E é nesse diálogo que uma e outra se constituem. À voz missioneira foi determinada a condição de não poder aparecer, não poder ser veiculada, visto que ela interpela diretamente os sentidos pretendidos pela voz fronteiriça, deslegitimando seus propósitos. O embate entre a discursividade da voz missioneira e a da voz fronteiriça demonstra que elas são antinômicas. A historicidade da voz missioneira, tendo sido apagada por aquela, propõe questões que abalam a segurança de certos efeitos de sentido consagrados pela ampla maioria das representações midiáticas dentro e fora do Estado gaúcho, questionando a transparência representacional de uma identidade particular e idiossincrática no contexto brasileiro e do Cone Sul. Ela também atesta o imaginário vinculado a uma geografia simbólica, conforme a qual o desenho dos limites de Estados-nação poderia ser outro se outras fossem as circunstâncias e alianças do passado.

## ● O concerto polifônico

Pela discursividade analisada avalia-se que os campos da política e da produção identitária são acontecimentos históricos que, de forma descontínua e exterior, são introjetados na atividade midiática segundo condições que lhe são específicas e orientados por correspondentes formações discursivas manifestas nas vozes. A discursividade patente na mídia das TF aponta para uma heterogeneidade que não se deve somente à condição multicultural de sua sociedade e o sujeito discursivo faz-se sujeitado por múltiplos fatores que correspondem à sua representação identitária.

Observando-se o concerto polifônico e o movimento proposto por suas emissões, so-brevém a questão: qual é o jogo de interdiscurso da atualidade?

Depreende-se da análise realizada que a grande finalidade da malha local-internacional consiste em desenvolver uma competência capaz de produzir novas lógicas por assimilação predicativa, o que consistiria em: lutar contra a invisibilidade; buscar o mútuo (re)conhecimento, coordenando fatores heterogêneos como circunstâncias, projetos, motivos, cooperação, hostilidade, ajuda ou impedimento; estabelecer alguns pontos de pautas comuns tomando conjuntamente e integrando acontecimentos disparatados pela ordem do Estado-nação; transfigurar o mundo pré-configurado pelos Estados nacionais que é alheio ao cotidiano da sociedade fronteiriça. Trata-se da organização de um grande encontro nas periferias da nação, um concerto protagonizado por agentes civis em resposta aos poderes políticos e militares do nacionalismo, no contexto de integração econômica ditado pela nova ordem globalizadora.

A mútua interpelação de vozes das diferentes formações discursivas das TF agora vigente aponta para um embate de forças vigoroso e inovador. Cada voz alerta para uma especificidade histórico-simbólica de sua for-

mação. Enquanto a voz fronteiriça se debate no esgotamento de sua condição fundadora ante a crise do Estado-nação, as vozes étnica e missioneira se fortalecem e apresentam-se como alternativas de produção de sentido, as quais virão a orientar um novo agendamento e geração de discursos. A voz de mercado assume uma condição reflexiva, própria das características de muitos discursos midiáticos comprometidos com o espetáculo, o consumo e o entretenimento.

Em conformidade aos principais resultados levantados na pesquisa, pôde-se constatar a existência de uma verticalidade, apontando para a questão da ordem heterônoma, a qual está plenamente expressa no discurso da voz fronteiriça. Elementos inerentes às competências dessa voz atravessam as demais, dado que ela se constitui numa síntese passiva das posições do nacionalismo, assumindo-as radicalmente e de forma cada vez mais exacerbada nos estertores de sua crise.

A orientação verticalista também se faz presente na integração de veículos locais em redes de comunicação regionais e nacionais. Desta forma, ela veicula o discurso fundador das narrativas de fronteira, valendo-se do poder hegemônico da identidade gaúcha na forma como está consagrada.

Essa orientação também foi constatada no discurso da voz étnica. Sua atuação joga no sentido de representar os interesses em curso no momento em que a globalização domina as pautas culturais e econômicas, reacentuando o já disposto pela voz fronteiriça, consagrando suas fórmulas, mas também concedendo legitimidade a manifestações multiculturais.

A voz étnica, com sua produção discursiva de caráter reflexivo, atua buscando congregiar as comunidades de descendentes europeus, não permitindo que sua herança cultural se desvaneça, mas mostrando-se, ao mesmo tempo, a ansiedade por manter vínculos com o horizonte da globalização. Pela discursividade manifesta, os efeitos de sentido se estabelecem na afirmação de um duplo pertencimento identitário (italo-brasileiros,

germano-brasileiros). Ela é a principal força a atuar na ruptura do centro articulador do discurso nacionalista.

Um enigma, neste contexto, é a expressiva presença árabe. Sua presença na fronteira remonta ao final do século XIX, quando os mascates faziam a ligação comercial entre os distantes núcleos urbanos espalhados pelo pampa. Convertidos posteriormente na classe proprietária urbana mais poderosa (comércio e imóveis, especialmente), sua presença política é bastante tímida ainda e não confere com sua efetiva capacidade empreendedora. Suas conexões muçulmanas e palestinas apontam indiscutivelmente para o fenômeno da globalização. Após os eventos de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque, as fronteiras gaúchas de cidades gêmeas como Uruguaiana/*Paso de los Libres*, Sant'Anna do Livramento/*Rivera* e Barra do Chuí/*Chuí*, junto à tríplice fronteira de Foz do Iguazu/*Iguazu/Ciudad del Este*, no limite do Estado do Paraná com o Paraguai e a Argentina, se converteram em pontos cruciais para as relações internacionais. As queixosas autoridades de Portos Secos e Zonas Francas bem sabem os inconvenientes, tanto para si como para a cidadania, do fomento desse estereótipo. O prefeito de Chuí, por exemplo, poucos dias depois do atentado às torres do *World Trade Center*, comparecia às telas da televisão brasileira declarando a inexistência de relações suas com o pretense primo Osama Bin Laden. Sua ascendência libanesa chamou a atenção tanto da Polícia Federal brasileira como dos agentes uruguaios. Quase dois anos depois, a imprensa internacional revelava que atacar a tríplice fronteira brasileira também era plano dos Estados Unidos no lugar de empreender a busca, lá no Afeganistão, por o que se considerou a grande liderança terrorista.

A força da discursividade da voz étnica parece provir de sua capacidade de arquear as fontes simbólicas requeridas ao exercício de práticas integracionistas do futuro. A voz

missioneira é destaque quando se reivindica uma política de re-equiparação da matriz aborígine, demandada em todo o Cone Sul. A voz étnica, especialmente a afro-brasileira, faz-se vigorosa quando se trata de fomentar o multiculturalismo detratado no passado. É assim que a voz étnica e a voz missioneira coincidem ao recuperar a validade de manifestações identitárias historicamente constrangidas no espaço local.

O discurso publicitário da voz de mercado vem a se alinhar no mesmo sentido verticalista da voz fronteira, utilizando-se dos clichês identitários e constituindo-se num dos principais produtores de conteúdos estereotipados da indústria cultural. Essa prática apresenta-se pertinente ao adequar a persuasão da comunicação publicitária ao nível local, favorecendo a re-territorialização discursiva de grandes redes de lojas de eletro-eletrônicos, móveis, empresas de telefonia celular etc.

No quadro da próxima página, elencamos algumas referências sobre como se dá o reconhecimento de identidade e autoria discursiva.

As vozes expressam a autonomia, a independência e a pluralidade de mundos insurgentes nos espaços fronteiros que, diante da autoridade de vários Estados-nação, enfrentam um embate por vezes apaixonado contra a alienação da servidão nacionalista, destruidora da noção de comunidade e múltiplos pertencimentos de uma sociedade multicultural.

Conforme a diferença ressaltada por Bakhtin, consideramos que a polifonia de um mundo fronteiro evidencia que sua discursividade é, muitas vezes, dialética e mesmo antinômica, pois suas relações lógicas permanecem dentro dos limites de consciências isoladas, não demonstrando um domínio das relações entre os acontecimentos. É dentro dos limites de tais consciências isoladas que as séries dialéticas ou antinômicas representam apenas um momento abstrato, indissolivelmente conectado àqueles outros, pertencentes

Enunciadores	Enunciatários (delegadores do discurso)	Responsabilidade dos enunciados
VOZ FRONTEIRIÇA	MTG, CTGs, autoridades	mídia local, canção popular, mídia hegemônica
VOZ ÉTNICA	descendentes de imigrantes europeus, Estados-nação, universidades, empresas transnacionais	mídia local
VOZ MISSIONEIRA	aborígenes, descendentes e/ou habitantes do território missionário	canção popular, mídia local, <i>folders</i> turísticos
VOZ DE MERCADO	comércio varejista, bancos, empresas de telecomunicações e de máquinas e implementos agrícolas	publicidade da mídia local e da mídia hegemônica

a uma consciência total e concreta, a qual concederia a pretendida unidade à malha de comunicação local-internacional.

A discursividade patente nas práticas midiáticas estudadas demonstra que as populações fronteiriças do sul do Brasil, por um século enfrentando a estagnação econômica e já “acostumadas a dividir suas misérias”, como dizem ao aludir à flutuação cambial que ora favorece o Brasil, ora o Uruguai ou a Argentina, demandam soluções de desenvolvimento que devem ser pensadas a partir do espaço local. Essas soluções são entendidas como processos que devem conceder certa estabilidade à região e um projeto de desenvolvimento que não contemple apenas

os interesses associados às capitais políticas e aos centros econômicos, mas que atenda às sociedades que vivem o cotidiano da integração proposta nos grandes acordos diplomáticos. O reconhecimento de uma nova condição pós-moderna há muito é reclamada por essa sociedade que alcançou maturidade para expressar que o custo da integridade territorial de uma nação não pode ser uma fatura reembolsada pelas populações fronteiriças. Elas alegam que a sociedade nacional permanece relegando às margens periféricas os constrangimentos de há muito sofridos, noticiando-as por acontecimentos estritamente vinculados ao contrabando, à criminalidade e ao desvio social.

## Referências

---

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Teoría y estética de la novela*. Madri: Taurus, 1989.
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- COURTINE, J. "Os deslizamentos do espetáculo político". In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Paulo: Claraluz, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.
- GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Paulo: Claraluz, 2004.
- GREIMAS, A. J. e COURTÈS, J. *Sémiotique*. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1979.
- MACHADO, L. O. Fronteira. Elementos para uma diferenciação conceitual. <http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras>, 2003. Acessado em 18.12.2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências na análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.
- PINTO, M. J. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker, 1999.
- SILVEIRA, A. C. M. *O espírito da cavalaria e suas representações midiáticas*. Ijuí: Unijuí, 2003.
- TODOROV, T. *Simbolismo e interpretação*. Caracas: Monte Ávila, 1982.